

17-03-2025

## Professores de vida – matadores de fome!

**Ernani Costa Mendes**

[Fisioterapeuta INCA/Ministério da Saúde. Doutor em Ciências ENSP/Fiocruz]

No derradeiro mês de fevereiro, numa tarde quente do verão, no Rio de Janeiro, vivi mais uma emoção arrebatadora em enfermaria de cuidados paliativos do hospital em que trabalho. O fato se deu ao encontrar uma jovem de 23 anos que visitava sua professora que desenvolvera um segundo tumor primário no encéfalo – *Glioblastoma Multiforme* – um dos mais agressivos. E, pelo fato de disputar espaço na calota craniana com estruturas nobres, acaba por comprometer funções neuromotoras por conta da compressão de estruturas responsáveis pela fala, cognição, motricidade etc. De repente, o inédito acontece, como sempre acontece no encontro de pessoas, no que chamo de espetáculo da fenomenologia existencial. O mais interessante é que eu não entraria na tal enfermaria, uma vez que a paciente motivadora dessa Coluna não estava na minha lista de atendimento... O encontro foi provocado por sua cuidadora ao perguntar se eu atenderia a paciente, cuja recomendação da família era solicitar atendimento fisioterapêutico para Ela. Imediatamente, respondo que iria avaliar o caso. Minutos depois, dirijo-me à enfermaria e deparo-me com a cuidadora conversando com uma jovem que visitava a paciente.

- *Boa tarde, tudo bem? Eu sou o fisioterapeuta Ernani. E você, é o que dela?*

- *Sou ex-aluna...*

- *Ex-aluna!?*

Nesse momento, a cuidadora interveio.

- *Sim, a paciente é professora de Letras! E, a todo tempo que está aqui internada, vem recebendo visitas de vários ex-alunos...*

- *Que bacana, Ela deve ter sido uma excelente professora...*

A jovem, sem pestanejar, responde prontamente:

- *Ela não foi apenas professora de Letras, foi também professora de vida!*

- *De vida!? Como assim?*

A jovem ex-aluna continua.

- *Ela inclusive matou muito a nossa fome...*

- *Fome!?*

Ela retruca. - *Sim, fome! A escola em que estudei, onde Ela dava aula, é situada em uma área de risco no bairro Jacaré. Muitas vezes, eu e meus colegas íamos para a escola sem comer, e lá não tinha merenda, mas Ela fazia de tudo para matar a nossa fome.*

- *Como?*

- *Ah, Ela dava o jeito dela, pagando do bolso, fazia vaquinha entre funcionários e professores, pedia aos comerciantes do entorno da escola, mas uma coisa era certa, Ela não deixava a gente sem comida. Ela foi um anjo nas nossas vidas! Eu amo esse anjo... E não era só isso, Ela nos dava muitos conselhos, muitos ensinamentos e nos falava que, através dos estudos, nós iríamos mudar a nossa realidade. Nós amamos Ela!*

Ou seja, a professora da jovem também matava a fome da ignorância, da exclusão e da desigualdade social.

- *Você está estudando?*

- *Continuo. Estou no oitavo período da faculdade de Biologia na PUC-Rio, graças a Ela!!!*

Quando a paciente ouve da jovem ex-aluna essa fala, abre um sorriso de contentamento, usando a reminescente forma de comunicação, uma vez que, a evolução do tumor roubara a função da sua fala. Após a exclamação, a jovem se levanta, abraça e beija a testa daquela que mudara a sua vida e sorte, retirando-a das estatísticas de meninos e meninas pretos(as) criados em uma favela do Rio de Janeiro. A comunidade do Jacarezinho, no bairro Jacaré, Rio de Janeiro, é uma das mais violentas da cidade. Vide a chacina do Jacarezinho (2021), na qual foram mortas 29 pessoas numa operação da Polícia Civil. A emoção transborda o peito e cega-me a racionalidade, e as lágrimas não demoram a cair. A cuidadora também se emociona perante prova de tanto amor e gratidão. A jovem de estatura alta e gigante na meiguice me abraça, agradecendo o atendimento que eu acabara de prestar à sua mentora de vida. Simplesmente uma criatura especial que encontrou no magistério a sua missão. Missão essa transformadora de vidas. Resignificante de caminhos... São essas e tantas outras dádivas que o cuidado de pessoas gravemente enfermas me possibilita. Eu tive a sorte de encontrar professores de vida que mudariam definitivamente a minha história. Um, em especial conheci no final de 2006. Eu trabalhava como coordenador de Fisioterapia, num curso preparatório para concursos públicos, em Copacabana, onde Ele ministrava aulas de SUS, mas nunca tinha cruzado com Ele. Um dia, no intervalo de uma aula, Ele estava sentado no corredor, fumando... A pessoa que comentou sobre Ele comigo foi o dono do curso, meu grande amigo Rodrigo Vilaça. - *Ernani, você não quer fazer doutorado? O professor que está ministrando aula de SUS hoje é da Fiocruz, vai lá conversar com Ele. - Será, Rodrigo? Assim, do nada? - Vai lá. Cara, o não você já tem! Eu fui, claro! Gentil como sempre, com ex-alunos, alunos e futuros alunos, me ouviu atentamente e logo foi dando um possível caminho para o meu futuro projeto de doutorado, como também, para meu letramento em Saúde Pública. Saí dessa conversa com indicação para procurar uma grande companheira de vida e trabalho que, na época, desenvolvia um projeto que se transformaria numa obra seminal e de grande importância no campo do Câncer Ocupacional. Tive a oportunidade de trabalhar nesse projeto ao longo do ano de 2007 e conquistar a amizade de um grande nome da Saúde do Trabalhador. Por hora, não os citarei para não estragar a surpresa, apesar de que, quem for da área da Saúde do Trabalhador, a essa altura, já deve desconfiar a quem estou me referindo, esses que são conhecidos como grandes matadores de fome em relação à injustiça no trabalho! Poderia, a partir daqui fazer uma cronologia de tudo que vivi com Ele desde o ano de 2006! Foram muitas coisas, muitas emoções e muita, muita vida juntos. Porém, nosso romance literário se intensifica quando passo para o doutorado internacional em 2013 - lindo e excepcional projeto firmado entre a Fiocruz e a Universidade de Coimbra (Portugal). A partir dessa efeméride, a matação de fome foi em todos os sentidos... Sorvi e me inebriei em suas histórias, experiências, comportamentos, ciência, arte e cultura, me nutri com essa enciclopédia viva. Em África Ele seria um *Griot*, aqui no Ocidente corresponderia a um sábio, um contador de histórias, que através de seus contos e causos vai matando muitas fomes e, principalmente, aquela conhecida como alienação. Os professores não performáticos, não enquadrados nos limites da escola convencional, matam a fome! A fome do corpo e do espírito! Eles acreditam e não abrem mão de que seus alunos mudarão o mundo, às vezes, sem condições nenhuma para tal. Mas, Eles perscrutam as nossas almas e arrancam delas o nosso - *dever* - o famoso *vir-a-ser* -, capacidade reservada realmente para os professores de vida, os matadores de fome! Me emocionei aqui, preciso terminar a Coluna que está com 1.200 palavras, escreveria 50.000! Mas, aprendi com Ele, temos que desenvolver o poder de síntese. *Obrigado, Fadelzinho, por matar minhas várias sedes e fomes!**

A companheira de luta/trabalho e amada professora, que também mata muitas fomes, é a querida Fátima Sueli Ribeiro, *obrigado por tanto!* ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.